



## 3º Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática *História da Educação Matemática e Formação de Professores*

Universidade Federal do Espírito Santo - Campus São Mateus  
outubro 31, 2016 – novembro 2, 2016

### **CENAS DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA EM PARANAÍBA-MS**

NATALIA CRISTINA DA SILVA<sup>1</sup>  
*Secretaria Municipal de Educação*

THIAGO PEDRO PINTO<sup>2</sup>  
*Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-UFMS*

#### **RESUMO**

Este artigo apresenta um recorte da pesquisa que compôs cenas sobre a formação e atuação de professores de Matemática de Paranaíba/MS na segunda metade do século XX. Em nosso percurso metodológico, realizamos entrevistas com sete docentes que vivenciaram, de maneira singular, tais processos formativos durante o período de referência. Para atingir o objetivo estabelecido nossa pesquisa tem caráter qualitativo, fundamentados na História Oral enquanto metodologia de pesquisa, pois esta visa à construção de fontes historiográficas de modo a compreender a formação matemática a partir de quem vivenciou esse processo. Em nosso movimento analítico discutimos algumas temáticas que emergiram na fala de nossos interlocutores, como a interferência da política partidária e a troca de funcionários no ambiente escolar; a relação centro *versus* periferia para os professores de Paranaíba, refletindo sobre a existência de centros nas periferias e periferias nos centros; discorremos também quanto aos cursos realizados por nossos depoentes, articulando com alguns modelos de Graduação, surgidos em caráter emergencial. Acreditamos ter contribuído para um mapeamento da formação de professores que ensinaram Matemática no estado de Mato Grosso do Sul e no Brasil, projeto do Grupo de Pesquisa no qual este trabalho está inserido.

**Palavras-chave:** História Oral. Formação de Professores de Matemática em Paranaíba/MS. Docentes em cena.

#### **INTRODUÇÃO**

O presente artigo tem como proposta apresentar uma pesquisa de mestrado desenvolvida no PPGEduMat (UFMS) que teve como enfoque a formação de professores de Matemática em Mato Grosso do Sul, especificamente, na região de Paranaíba, nordeste

---

<sup>1</sup> Professora Ms. Natalia Cristina da Silva, Diretora de Escola, E-mail: natycsilva1@gmail.com.

<sup>2</sup> Professor Dr. Thiago Pedro Pinto, Instituto de Matemática, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, E-mail: thiago.pinto@ufms.br.

do estado, na segunda metade do século XX<sup>3</sup>. Este trabalho está inserido no campo da História da Educação Matemática, o qual possibilita traçar compreensões do ensino, aprendizagem, formação e práticas matemáticas e seus entornos.

Nossa pesquisa está vinculada ao Grupo História da Educação Matemática em Pesquisa- HEMEP<sup>4</sup>- que possui as seguintes linhas de pesquisa: aspectos históricos do ensino e da aprendizagem da Matemática; história da formação de professores que ensinam matemática; história oral e narrativa. O grupo vem então desenvolvendo pesquisas centradas em aspectos históricos das práticas e das formações de professores de matemática<sup>5</sup>, constituindo um cenário sobre esta formação no sul de Mato Grosso (UNO) e em Mato Grosso do Sul. Esta linha de atuação do HEMEP se insere em um projeto mais amplo do GHOEM<sup>6</sup>, e tem como um de seus projetos “elaborar um mapeamento histórico sobre a formação e atuação de professores de Matemática no Brasil”.

Pensamos nosso trabalho como uma série de cenas, esquetes e imagens teatrais. Consideramos cada gesto, posição, iluminação e música de acompanhamento para que, ao final, produzíssemos conhecimento sobre o tema pesquisado. Articulamos esta metáfora na possibilidade de contarmos uma ou várias histórias, sem hierarquizá-las, em um movimento "quase" artístico de trabalhar com o dado/conhecido rumo ao novo/desconhecido.

Alguns trabalhos do GHOEM já elencaram uma metáfora parecida, a dos "cenários", no entanto, uma indagação reverberou em nossos corpos: seriam cenários sem pessoas, sem ações? Certamente, não! Sendo assim, entendemos que o que estávamos produzindo não eram "cenários", mas sim "cenas"! Espaços em que nossos interlocutores *encenam* suas vidas, suas práticas profissionais e sua formação como professores.

Nosso trabalho foi composto por oito cenas, nas quais tivemos sempre como fio condutor a formação e atuação de professores de Matemática no período que delimitamos

---

<sup>3</sup> Pesquisa desenvolvida pelo primeiro autor deste texto, orientada pelo segundo, defendido em agosto de 2016.

<sup>4</sup> Grupo formado em 2011, cadastrado no CNPQ e certificado pela UFMS, cujo objetivo é contribuir para um mapeamento da formação de professores que ensinam matemática no país. [www.hemep.org](http://www.hemep.org).

<sup>5</sup> Grafamos aqui em minúsculas, pois se refere à matemática em qualquer nível de ensino, não especificamente a disciplina Matemática, lecionada de 6º a 9º do Ensino Fundamental e de 1º a 3º ano do Ensino Médio.

<sup>6</sup> Grupo de História Oral e Educação Matemática, criado no ano de 2002, cadastrado no CNPq e certificado pela UNESP – é membro da Associação Brasileira de História Oral (ABHO), atua nas seguintes linhas de pesquisa: Análise de livros didáticos - Hermenêutica de Profundidade; História da Educação Matemática; História Oral e Educação Matemática; História Oral, Narrativas e Formação de Professores: pesquisa e intervenção; Escolas Reunidas, Escolas Isoladas: Educação e Educação Matemática em Grupos Escolares. Disponível em: <[www.ghoem.com](http://www.ghoem.com)>.

para estudar. Na cena, “Minha Paranaíba”, tecemos reflexões de como uma das pesquisadoras deste trabalho percebe a cidade de Paranaíba, trazendo algumas características históricas, no intuito de que os leitores possam conhecer, juntamente conosco, estrangeiros destas terras, algumas particularidades do município, foco de nossa pesquisa. Os olhos da pesquisadora conduzem-nos a uma Paranaíba particular, vista de dentro de um curso universitário e de dentro de escolas da Educação Básica, assim discutimos sobre a divisão e constituição do Estado Mato Grosso do Sul, seu povoamento, desenvolvimento e separação. Nesta cena, o contador de histórias torna-se, explicitamente, personagem desta história.

Em nossos estudos percebemos que o processo de separação de Mato Grosso *uno*, não ocorreu instantaneamente, mas se deu por um processo longo, com inúmeras tentativas frustradas, diversos conflitos, desentendimentos e, até mesmo, mortes marcam esta separação. Outra particularidade notada na cidade de Paranaíba foi a influência da política partidária, parece que este fator foi sempre motivo de desentendimentos, conforme Campestrini (2002). Ainda, nos dias atuais, ocorrem conflitos desta natureza na cidade, tanto, que ainda há prefeitos perdendo seus mandatos, secretários e funcionários sendo trocados devido a “favores políticos”, além, é claro, dos cargos de confiança.

Após esta apresentação de um Paranaíba, discorremos por questões metodológicas que nortearam este trabalho.

## **HISTÓRIA ORAL PERSPECTIVAS E ABORDAGENS**

Em um primeiro momento uma grande avenida abre-se à nossa frente: a Pesquisa Qualitativa. Adentramos esta avenida quase sem perceber, por uma filiação que nem conhecíamos<sup>7</sup>. Faz-se necessário falar sobre esta avenida, de diversas alamedas e canteiros centrais. Nesta grande avenida, entendemos que o pesquisador é sujeito e objeto de sua pesquisa, pois esta abordagem reconhece a subjetividade como inerente ao investigador. Este reconhecimento traz a necessidade de justificar as escolhas feitas durante o estudo, para que o leitor conheça de onde se fala e sua intenção, pois não basta apresentar algum tipo de resultado numérico para legitimar o que foi realizado, é necessário explicitar “como” foi feito.

---

<sup>7</sup> Trata-se da filiação do Programa de Pesquisa, da linha de atuação e do Grupo, no qual nos inserimos; apesar de não se tratar de uma obrigatoriedade, o fluxo destas ações vem caminhando neste sentido, subsidiando questões de natureza qualitativa, e estas, levando-nos a novas pesquisas.

Na perspectiva qualitativa de pesquisa, o investigador está ciente de que interfere no processo investigativo, que este se constitui como pesquisador frente a seu objeto de pesquisa e os problemas que dele decorrem. Não há movimentos estanques e disjuntos: primeiro, torna-se pesquisador, dominando as técnicas e movimentos de investigação, para depois iniciar o contato com o objeto de pesquisa. Entendendo as interações desta forma, não cabe ao pesquisador, ao final do processo, a busca por generalizações e resultados que possam ser replicados em todo e qualquer lugar.

E entre as pistas desta avenida, a História Oral foi uma rua que nos permitiu percorrer, por meio de entrevistas, os processos históricos ou presentes, dando nova vazão aos discursos daqueles que participaram ou participam, deste ou daquele processo, por meio dos relatos que foram concedidos à nossa pesquisa.

Esta rua levou-nos a produzir narrativas com professores que buscavam sua formação profissional das mais diversas maneiras: fora da cidade onde residiam, por meio de cursos de Curta Duração, Cursos Vagos, formação calcada na prática cotidiana, entre outras, visto que Paranaíba não possuía cursos superiores específicos para formação dos professores que atuavam no ensino de Matemática.

Nossa pergunta e objeto de estudo pareciam necessitar de uma estrada que nos levasse de volta ao passado. Diante de tal impossibilidade, visto que nos situávamos no presente, consideramos que “daqui mesmo” seria possível estudar o passado mesmo sem voltar a ele, pois, de fato, podemos inventar o passado, como sugere Albuquerque Junior (2007). Esse inventar consiste em articular o passado com o presente, articular indícios que nos possibilitem construir histórias plausíveis com nosso interesse de estudo.

Quando falamos em histórias plausíveis, não queremos estabelecer ou comprovar “verdades” ou mesmo escrever uma história totalizante, cristalizada, pretendemos criar uma versão sobre o tema que estamos estudando (em nosso caso, a formação de professores que atuavam em Paranaíba) e que, a partir do exposto ao longo do trabalho, possa ser validado por nossos interlocutores, sendo possível, assim, *imaginá-la*.

A rua da História Oral percorre também outros bairros, liga-se a outras avenidas e cobra-nos, aqui neste texto, outros posicionamentos, como o de nossa perspectiva historiográfica. Inserimo-nos em uma perspectiva que propõe a ampliação de fontes e de vozes sobre os temas estudados, produzindo e evidenciando “outras histórias” sobre o passado, *inventando-o* não em unicidade, mas na pluralidade de vozes, de fontes e de verdades.

A articulação entre passado, presente e futuro, os modos como estas ideias foram articuladas, ao longo do tempo, são distintos. Em certo momento, os historiadores acreditavam que o passado explicava o presente e o futuro, mas é possível notar alterações neste pensamento. A percepção sobre como a sociedade toma consciência de si por meio dos tempos e sobre como encara a relação entre passado, presente e futuro têm sido algo caro à Historiografia. Pensar na articulação entre estes tempos remete-nos à ideia proposta por François Hartog sobre regimes de historicidade (GARNICA; FERNANDES; SILVA, 2011).

Assim, direcionamo-nos pela rua que nos levou até a História Oral, pois nela vimos à possibilidade de transformar relatos de vida em documentos históricos, que podem servir de fomento para esta e outras investigações. Ponderamos também que, percorrendo por essa rua, poderíamos conhecer aspectos sobre como se deu a formação dos professores de Matemática que atuavam na cidade de Paranaíba/MS.

A História Oral utiliza-se de narrativas orais, não como fontes ingênuas e puras, mas tomadas a partir do olhar do pesquisador, que constrói suas percepções sempre permeadas por sua subjetividade. Neste viés, as narrativas podem ser vistas como um processo de contar histórias, próprias de cada sujeito.

A seleção dos entrevistados deu-se, primeiramente, pela consulta ao acervo da extinta Agência de Educação. Isso se deu pelo fato de um dos pesquisadores trabalhar na Escola Estadual José Garcia Leal, onde são armazenados estes documentos (ficha funcional dos professores que atuavam na cidade, atas de reuniões e alguns documentos que regulamentavam o funcionamento de escolas que não existem mais no município). Com a autorização do gestor da escola e com a ajuda de uma funcionária que trabalhava no departamento, realizamos uma busca nestes arquivos a fim de encontrar nomes de docentes que atuavam na disciplina de Matemática, em décadas distintas e mais antigas o quanto fosse possível encontrar, com o propósito de nos indicar interlocutores para um levantamento preliminar de informações e, até mesmo, que viessem a se tornar nossos depoentes, concedendo-nos entrevistas.

Além das buscas nos arquivos, alguns nomes foram-nos indicados pela funcionária da extinta Agência. Logo após, foi realizado um contato inicial com estes possíveis entrevistados, com o objetivo de buscar informações acerca da formação e atuação destes, traçando um primeiro perfil que nos auxiliasse na escolha de nossos depoentes e para saber sobre suas disponibilidades para participar desta pesquisa. Optamos

pela escolha de professores que atuaram em décadas distintas e que tiveram formações diversificadas, mas diante do primeiro contato com estes docentes e munidos das informações de suas fichas funcionais, percebemos que as formações de grande parte dos professores com os quais conversamos eram bem parecidas, fato este que nos chamou atenção e despertou nosso interesse. Como tínhamos sete nomes selecionados, optamos por escolher os que possuíam formações bem diferentes dos demais, apenas dois deles, e outros três do grupo, estes com formações semelhantes.

Após um contato inicial com estes professores, frente a suas épocas de atuação, conseguimos fazer um recorte temporal para nossa pesquisa. Optamos, então, por investigar a formação de professores de Matemática que atuavam na cidade de Paranaíba, na segunda metade do século XX. Esta escolha se deu visto que o depoente de mais idade começou a exercer suas atividades docentes na década de 1940 e que, no ano de 2001, a cidade de Paranaíba/MS foi contemplada com a abertura do curso de Licenciatura Plena em Matemática, oferecido pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Paranaíba - UFMS-CPAR, desta forma delimitamos nosso recorte até o ano de 2000. Entendemos que a abertura do curso, no município em questão, foi de grande relevância e possui especificidades que merecem um estudo específico.

Após a gravação das narrativas, iniciou-se o processo de transcrição, que se trata de ouvir o que foi dito na entrevista e escrever, literalmente, o que se ouve, com vícios de linguagem, possíveis interrupções ou até mesmo a anotação de gestos, o que resultou em um texto “o mais próximo possível da fala dos depoentes”. Durante a realização de algumas entrevistas, os nossos depoentes já pediram para retirarmos algumas falas. Isso foi respeitado e as falas foram retiradas na textualização.

O processo de textualizar caracteriza-se, ainda, como um exercício analítico, já que o pesquisador tenta “se colocar” no lugar do outro para realizar edições no texto. É importante destacar que esse processo não oferece regras rígidas, no entanto, um ponto que se almeja é manter nestes textos o “tom vital” do depoente, preservando algumas de suas características orais.

Essa negociação faz-se necessária para que o depoente avalie se o texto está coerente com o que ele “gostaria de contar”, se ele “se enxerga” neste novo texto construído conjuntamente com o pesquisador ou mesmo se deseja suprimir alguma informação que forneceu na ocasião da entrevista, mas que, agora, prefere não mais publicar, mantendo, assim, uma postura ética e de respeito com nossos interlocutores.

Nesta pesquisa, depois de textualizadas, as entrevistas retornaram aos seus depoentes que, juntamente com a entrevistadora, fizeram as alterações que cada um julgou serem necessárias. Busca-se, ao final deste processo, que o entrevistado sinta-se confortável, como se expressasse: “eu diria estas coisas como estão aqui, neste texto, e sinto-me confortável em torná-las públicas”.

O uso das entrevistas em História Oral não possui o intuito de simplesmente obter “informações” sobre um determinado tema, mas visa à produção de documentos históricos, de narrativas do presente sobre o passado, que se tornam públicas, contribuindo para outros trabalhos e para novas compreensões e versões sobre este. Por isso, há o cuidado com a fundamentação teórica na História e o cuidado com a carta de cessão, pois o pesquisador em História Oral respeita e quer tornar público somente o que o depoente aceitar (SILVA; SOUZA, 2007).

## **ANÁLISE**

Nosso movimento analítico foi composto por três cenas sobre a formação de professores de Matemática que atuaram em Paranaíba: "a Gangorra Política no Estado e a Ciranda nas Escolas", "Roupa Nova já muito usada" e "Pacientes com Curativos que mal cobriam suas Feridas". Apresentaremos aqui um pouco de cada uma destas cenas<sup>8</sup>.

Na cena “A Gangorra Política no Estado e a Ciranda nas Escolas”, nos utilizamos, como metáfora visual, de dois brinquedos muito comuns: a gangorra e a ciranda. Para quem porventura possa desconhecer, a gangorra constitui-se em uma brincadeira que se realiza a dois, com ambos sentados sobre um mesmo suporte que balança sobre um eixo; enquanto um sobe, o outro desce, e este, ao tocar o chão, ganha impulso e sobe novamente. Já a ciranda, outra imagem utilizada neste movimento de análise, entre os muitos contextos em que este termo pode ser usado, trata-se de uma brincadeira de roda, de alternância de posições entre um grupo que se movimenta, gira, troca, entra e sai da roda.

No transcorrer desta pesquisa, percebemos movimentos análogos a estes relacionados à política partidária no Estado e à ocupação de cargos públicos nas escolas de Paranaíba. Dialogar sobre a política partidária, neste movimento analítico, parece-nos interessante e pertinente, pois na fala de nossos depoentes percebemos a perseguição e a instabilidade na carreira relacionada a esta política.

---

<sup>8</sup> As entrevistas que foram principal fonte para nosso movimento analítico, encontram-se na íntegra no trabalho de dissertação Silva (2016), que esta disponível no endereço eletrônico do HEMEP e GHOEM.

Para nossos interlocutores, estas questões políticas e sua interferência na esfera educacional não foram totalmente abandonadas, pois ainda conseguem perceber “recaídas” neste movimento, para eles, “evolutivo”. Os professores apontam também para outra implicação desta alternância partidária, que reorganiza o aparelho do Estado a cada nova eleição, eles acreditam que este seja um fator que não contribuiu para o desenvolvimento da cidade, que acabou ficando “atrás” de cidades mais novas e que já alcançaram um “desenvolvimento superior”.

A implicação política partidária na Educação foi uma característica que emergiu nos depoimentos de nossos interlocutores, sendo algo também vivido e visto por esta pesquisadora, ressoando nas escolas, atualmente, de forma mais branda, mas ainda ouvido em inúmeras outras histórias que transitam no espaço escolar.

Observamos a força de dois partidos: a UDN e PSD. Amorim (2013) pesquisou a formação de um grupo de professoras do Ensino Primário, analisando seus percursos e trajetórias profissionais, durante a década de 1960, o que lhe possibilitou também conhecer e estudar as brigas partidárias existentes, já que as mesmas ocorrem desde os primórdios da criação do Estado e em Mato Grosso os partidos políticos acompanharam o restante do país, durante a política implementada por Getúlio Vargas. Segundo Amorim (2013), o chamado Estado Novo<sup>9</sup> (1937-1945) proibia a criação de partidos políticos. Foi somente com a renúncia de Getúlio Vargas, em 1945, que houve a criação dos mesmos, destacando-se, em Mato Grosso, a UDN e o PSD.

Para Amorim (2013), o PSD apresentou-se como herdeiro das ideias propagadas na época do Estado Novo, ou seja, foi o responsável por dar continuidade ao poder político de Vargas. Em contrapartida, a UDN era o partido de direita, tendo a missão de representar o grupo político contrário às ideias propagadas por Getúlio Vargas. Faziam parte da composição deste partido a classe média urbana e os setores da burguesia, os quais integravam as oligarquias estaduais, que detinham o poder antes do Governo de Vargas.

Tanto a UDN quanto o PSD adotaram o estilo clientelista para atrair adesões a seu partido e, assim, permanecer no poder do, então, Estado de Mato Grosso. Segundo Amorim (2013), o estilo clientelista foi a base eleitoral adotada por Filinto Müller<sup>10</sup> e

---

<sup>9</sup> Este período foi marcado por um governo autoritário, centralizando o poder e umas práticas era a nomeação de interventores para governar os estados brasileiros (AMORIM, 2013).

<sup>10</sup> Filinto Strubing Müller pertencia a uma família de tradição na política mato-grossense, foi um dos fundadores do Partido Social Democrático (PSD), exerceu a função de senador no Estado de Mato Grosso. Disponível em: <[https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/filinto\\_muller](https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/filinto_muller)>. Acesso em: 04 jan. 2016.

Fernando Corrêa da Costa<sup>11</sup>. Observamos nas falas dos professores Ignácio e Rodolpho, e também da professora Maria Auxiliadora, os conflitos existentes entre tais partidos, o desejo de estar no poder, ao explicarem a perseguição que as pessoas sofriam quando um partido saía e quando outro entrava - a gangorra.

As questões políticas e sua interferência na esfera educacional não foram totalmente abandonadas, ainda é possível perceber “recaídas” neste movimento “evolutivo”. Outra implicação desta alternância partidária, que reorganiza o aparelho do Estado a cada nova eleição, não contribuindo para o desenvolvimento da cidade, que acabou ficando “atrás” de cidades mais novas e que já alcançaram um “desenvolvimento superior”.

Na cena "Roupa Nova já muito usada" ou "o Primo Rico e suas Doações" tratamos da relação entre *novidade* e *obsoleto*, entre “centros” e “periferias”, em como algumas coisas podem ser obsoletas, ou menos importantes, para uns e "novidades", de grande importância, para outros, sempre em um aspecto relativo ao contexto no qual se inserem, nunca de forma absoluta. Para esta encenação, utilizaremos a metáfora do “primo rico”, uma figura que nos parece comum nas famílias - e até mesmo no cinema e televisão. Um “primo” mais “afortunado”, no meio de uma família não tão afortunada assim, onde os pertences desse vão passando para os outros, como roupas, brinquedos, uniformes etc., enfim, tudo aquilo que “não tem mais utilidade” para o “primo rico”, obsoleto, é passado aos “primos pobres”, que recebem as doações com apreço, "o novo", pois normalmente não teriam como adquirir tais pertences.

Em Paranaíba não havia cursos de formação de professores, o que impelia estes profissionais, que buscavam formalizar sua atuação ou àqueles que pretendiam vir a se tornar professores, a encontrar em outras cidades, graduações que os habilitassem para o exercício do magistério. Estas, normalmente, ocorriam nas cidades interioranas do Estado de São Paulo: Jales, Pereira Barreto, Andradina e São José do Rio Preto.

A abertura de um curso nas proximidades de Paranaíba, como nestas cidades, apresentava-se como "novidade", uma "oportunidade" para estes professores, verdadeiros "centros" quanto à formação de professores, os docentes faziam enormes esforços para irem até lá realizar seus cursos. No entanto, estes municípios, em relação à formação de professores do Estado de São Paulo, à época, bem destacado por Martins-Salandim (2012),

---

<sup>11</sup> Fernando Corrêa da Costa, foi médico e político, elegeu-se prefeito de Campo Grande, governador e senador do estado de Mato Grosso pela União Democrática Nacional (UDN). Disponível em: <<http://dinheirorural.com.br/secao/agronegocios/a-todo-poderosa>>. Acesso em: 04 jan. 2016.

eram considerados por muitos como “periféricos”, frente à capital do Estado e frente a instituições públicas de grande prestígio, como a USP, por exemplo.

O que para alguns poderia ser apenas uma “roupa velha” (cursos de segunda linha), para o outro, protegia do frio, aquecia, tinha grande utilidade. Essa relação parece-nos contínua, pois podemos, hoje, imaginar que Paranaíba, sob certo recorte, exerce já uma centralidade na formação de professores em sua região, visto possuir cinco cursos nesta área e atrair pessoas para esta localidade à procura de formação (como é o meu caso). No entanto, se olharmos para o Estado como um todo, Paranaíba não possui a mesma centralidade. Torna-se o “primo rico”, rodeada de tantos “primos pobres”, mesmo sendo o “primo pobre” dentro de um panorama estadual ou nacional.

Mesmo entre os Estados, podemos estabelecer tal relação. Para a formação de professores, São Paulo configura-se como um “primo rico”, dado o quantitativo de cursos e a importância que estes exercem em um cenário nacional; já Mato Grosso do Sul, “primo pobre” de São Paulo, pode ser o “primo rico” de outros tantos, se pensarmos, por exemplo, ser o único Estado do Centro Oeste a ter um curso de Doutorado em Educação Matemática.

Além das distâncias entre as cidades do Estado de Mato Grosso do Sul, os cursos para formar professores demoraram a ser criados, mesmo na capital e nas principais instituições. Estes cursos começam a surgir, como sinaliza Silva (2015), somente em meados da década 1970, momento em que a legislação sinalizou para a obrigatoriedade da formação em Nível Superior dos docentes, sendo também nesta década que houve a expansão dos Cursos de Licenciatura em Matemática no interior do Estado de São Paulo, instalando-se em várias cidades. Ou seja, enquanto o Estado de São Paulo vivia um movimento de expansão de cursos, o sul de Mato Grosso *uno* vivenciava a implantação de seus primeiros cursos e universidades.

De acordo com Martins-Salandim (2012), na década de 1970, houve um processo de instalação dos cursos de Matemática em cidades do interior de São Paulo, configurados num processo de interiorização e de intensificação na política educacional, relativa às instituições de Nível Superior no Estado, visto que, na década de 1960, não havia no interior do Estado muitas Faculdades. Martins-Salandim (2012) classifica as cidades interioranas como periféricas, comparando-as com os grandes centros urbanos, e os grandes centros como sendo de produção e de desenvolvimento da matemática e da formação de professores, mas ela destaca que as ditas periferias (que eram localizadas nas cidades interioranas) também eram consideradas “centros do interior”, pois se destacavam

nas comunidades locais e regionais que não ofertavam cursos para formar docentes. Neste contexto, podemos pensar na existência de centros nas periferias e periferias nos centros.

Em "Pacientes com Curativos que mal cobriam suas Feridas" utilizamos a analogia de pacientes, curativos e das feridas para nos ajudarem a compor visualmente esta cena - tivemos esta preocupação em todas elas. Pretendemos mostrar nesta cena que alguns desses cursos foram elaborados em caráter emergencial para atender a urgente falta de professores formados e que, muitas vezes, deixaram em nossos professores a sensação de "incompletude". Os pacientes aqui podem ser comparados aos docentes que não tinham a habilitação específica para o magistério - mas que já atuavam ou desejavam atuar na Educação, essa falta de cursos de formação acabou provocando uma "ferida" que perdurou por muitos anos, ficando ainda maior por não ter recebido cuidados especiais, se tornando um grande problema. A manifestação deste se dá na Lei que "obrigava" os profissionais a procurarem, por conta própria, obter a formação em Nível Superior - vale salientar que ainda hoje esta questão não foi totalmente resolvida, o Estado de Mato Grosso do Sul ainda possui alguns professores leigos atuando.

Alguns de nossos interlocutores relataram que começaram a lecionar sem ter a formação mínima exigida. A carência de professores era significativa, tanto que nossos professores nos contam que profissionais de outras áreas se "aventuravam" na carreira do magistério: dentistas, médicos, bancários, entre outros, ou seja, a docência era tida, para muitos, como uma segunda profissão, esta era ainda uma outra forma de tentar "cobrir a ferida" da falta de profissionais.

Muitos apontam um crescimento não planejado como causa, ou aumento, dessa ferida. Um dos pontos mais significativos na década de 1960 para a Educação, segundo Curi (2000), foi a mudança de um ensino elitizado para um ensino de massas. A escolarização das crianças em idade escolar teve um aumento significativo nesta década e na seguinte, assim como as pessoas que estavam cursando o Ensino Secundário. Daí, então, começa a notar-se um problema, ou seja, a ferida, causada por um crescimento mal planejado, mas extremamente necessário a nosso ver. Com o aumento do número de alunos e de unidades escolares, era necessário aumentar o número de professores. Porém, se já havia escassez deste profissional antes destas mudanças, essa deficiência se agravou, a ferida foi tomando grandes proporções.

No início da década de 1970, a Lei 5692/1971 sinalizava que todos os professores que lecionassem nos anos finais do Primeiro e Segundo Grau deveriam ser formados em

Nível Superior e, para suprir essa deficiência, foram criadas soluções em caráter emergencial para formar uma grande demanda de docentes que o país estava precisando.

A primeira menção aos Cursos de Curta Duração foi em 1964, no parecer do conselheiro Newton Sucupira, esse modelo de curso tratava de mais uma medida em caráter emergencial para formar professores, esse tipo de Licenciatura perdurou por mais de quarenta anos (SILVA, 2015).

Uma das medidas para formar professores em grande escala foram as populares Licenciaturas Curtas, elas deveriam ser feitas de maneira progressiva, primeiramente o estudante obteria uma habilitação geral – Licenciatura em Ciências -, e depois uma habilitação específica, porém, de acordo com conselheiro Valnir Chagas, a execução da lei dependeria da região em que se aplicava, pois nas localidades que não houvesse professores habilitados, a formação geral seria suficiente, nos fazendo refletir sobre a grande carência que possivelmente assolava algumas regiões, neste sentido, os curativos nos parecem "mal cobrir as feridas", à medida que se sugere um tipo de formação, mas se admite uma "inferior" como suficiente.

Segundo Curi (2000), na década de 1970 os cursos de Licenciatura Curta começaram a se expandir no país por meio de faculdades do setor privado, principalmente no interior do país. Poucos são os estudos que se dedicam a tais cursos, que tinham a carga horária reduzida e propunham uma formação polivalente. Segundo a proposta do conselheiro Valnir Chagas, os cursos deveriam ter como principal finalidade a integração do conhecimento, com um currículo flexível e aberto, assim à integralização das disciplinas ocorreria mais facilmente.

Com a resolução de 30 de julho de 1974, as Licenciaturas em Ciências Polivalentes e de Primeiro Grau (conhecidas como Licenciaturas Curtas) seriam divididas em duas etapas, com o currículo de 1.800 horas e que poderia ser complementado com mais 1.000 horas com uma habilitação específica em: Química, Física, Biologia ou Matemática, assim formando professores para o Ensino Médio.

A Resolução do CFE 30/1974 sinalizava que os cursos de Licenciatura na área Científica deveriam ser transformados em Ciências, e estes poderiam ser organizados em cursos de curta duração ou de duração plena (curta mais a Habilitação), e o número de vagas deveria ser igual ao número de vagas oferecido anteriormente, ou seja, se na instituição antes fossem oferecidas 30 vagas nos cursos de Biologia e Matemática, em

substituição destes pela Licenciatura em Ciências, deveriam ser oferecidas 60 vagas (SILVA, 2015).

Outro curativo encontrado para estancar a ferida foram os Cursos Vagos, segundo Baraldi (2003), surgem com mais intensidade quando é anunciada a extinção da CADES, os professores começaram a se sentir “acuados”, pois, se na sua cidade tivesse abertura de um curso de Licenciatura, poderiam perder a autorização oferecida pela CADES. Os Cursos Vagos eram definidos como aqueles em que as atividades funcionavam aos finais de semana, era outra possibilidade de formação, pois os cursos de Licenciatura convencionais tinham duração de quatro anos e com aulas presenciais durante toda semana. Parece-nos “comum” os professores buscarem formação nestes modelos de cursos, pois a legislação exigia que tivessem uma Graduação sem dar a eles algum benefício ou afastamento, mesmo que parcial. Por já estarem lecionando, ficava inviável frequentarem cursos que exigiam a presença diária em outra cidade, a mais de 170 quilômetros de Paranaíba.

Segundo Martins-Salandim (2012), embora estes cursos funcionassem aos finais de semana e com frequência lacunar, podiam funcionar na “mesma” estrutura dos cursos regulares, eles não eram outros cursos, mas sim uma graduação que *admitia* alunos com pressupostos diferentes, a flexibilização quanto à presença era um acordo realizado “entre alunos e professores”, mediado pela instituição, o que nos faz acreditar que quando nossos depoentes nos falam que realizavam muitos trabalhos e atividades em casa, estes seriam compensações para as ausências nas aulas, uma forma para conseguirem acompanhar o curso como se fossem alunos que frequentassem diariamente o curso.

As condições com que o “curativo” dos Cursos Vagos funcionavam eram “disfarçadas” em cursos regulares, estes tipos de cursos participaram do movimento de expansão de cursos no interior do estado de São Paulo (MARTINS-SALANDIM, 2012). Estes foram uma opção aos ditos “cursos regulares”, assim, os docentes poderiam legalizar-se sem abandonar seus postos de trabalho. Martins-Salandim (2012) menciona que este tipo de formação centra-se no argumento que o professor em atuação já é formado, tem domínio de conteúdos, faltando apenas a *formação formal*, para se legalizarem diante da lei que exigia que o professor tivesse uma formação em Nível Superior.

## ALGUNS APONTAMENTOS

Com base nas análises realizadas por eixos temáticos (cenas), elencamos e conseguimos fazer algumas observações acerca da formação e atuação dos professores em Paranaíba, traçando compreensões de como se deram essas formações, analisando aspectos dos cursos escolhidos, das distâncias, do processo de formação continuada dos professores e, ainda, a interferência da política partidária na atuação desses docentes. Esses foram alguns possíveis eixos temáticos que selecionamos para a realização de nossas análises.

Os professores de Matemática que atuavam em Paranaíba no período selecionado tiveram oportunidade de realizar suas graduações, na maioria dos casos, entre as décadas de 1970 a 1990, em municípios vizinhos e, pela localização geográfica da cidade, essas formações se deram em outros Estados, principalmente nas cidades circunvizinhas no interior de São Paulo.

Paranaíba não foi diferente de outras regiões e recebeu moradores de outras localidades do Brasil, sobretudo, das cidades vizinhas. Alguns desses chegaram a lecionar na cidade por possuírem cursos que, na época, eram considerados “suficientes”, como por exemplo, o curso do Segundo Grau, um curso Técnico ou alguma graduação em outra área. A formação dos professores de Matemática nem sempre era em curso específico para lecionar tal disciplina. Em muitos casos, era feita por profissionais de outras áreas, como: dentistas, advogados, contadores etc., o que mostra a falta de profissionais habilitados para exercer a profissão docente e a possibilidade da docência se estabelecer como uma segunda profissão, uma atividade extra, frente a uma profissão “de fato”, relativizando assim, a sua importância.

Reforçamos, por meio de nosso estudo, o que já tem sido apontado em outros trabalhos, como a ligação das políticas educacionais à carência e à urgência. Em Paranaíba, não foi diferente em relação aos processos formativos que os docentes enfrentaram, ou seja, quando a carência se apresentava forte, a urgência era a maneira encontrada para amenizar tal situação, tendo em cursos como o da CADES<sup>12</sup> ou os exames de Suficiência,

---

<sup>12</sup> Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário. Segundo Baraldi (2003), a CADES foi criada na gestão de Armando Hildebrand, na Diretoria do Ensino Secundário e no governo de Getúlio Vargas, a partir do Decreto n.º 34.638, de 14 de novembro de 1953. O objetivo de tal curso era de reciclar os professores, sob a orientação do MEC, e os alunos professores obtinham os registros para exercerem o Magistério. Na década de 1950, o problema era a falta de professor específico para cada disciplina, principalmente no interior.

por exemplo, medidas que contribuíram para "formar" professores, antes da implantação dos cursos superiores.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru: Edusc, 2007.
- AMORIM, R. P. **Professoras primárias em Mato Grosso: trajetórias profissionais e sociabilidade intelectual na década de 1960**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, Cuiabá, 2013.
- BARALDI, I. M. **Retraços da educação matemática na região de Bauru (SP): uma história em construção**. 2003. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista - UNESP, Rio Claro, 2003.
- CAMPESTRINI, H. **Santana do Paranaíba**. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2002.
- CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO. Resolução n.º 30, de 11 de julho de 1974. Fixa os mínimos de conteúdo e duração a observar na organização do curso de licenciatura em Ciências. **CFE**. Documenta, Brasília, (164): 509-11, jul. 1974.
- CURI, E. **Formação de professores de Matemática: realidade presente e perspectivas futuras**. 2000. Dissertação (Mestrado em Ensino de Matemática) - Pontifícia Universidade Católica- PUC, São Paulo, 2000.
- GARNICA, A. V. M.; FERNANDES, D. N.; SILVA, H. Entre a amnésia e a vontade de nada esquecer: notas sobre regimes de historicidade e história oral. **Bolema**, Rio Claro, v. 25, p. 213-250, 2011.
- MARTINS-SALANDIM, M. E. **Escolas técnicas agrícolas e educação matemática: história, práticas e marginalidade**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista - UNESP, Rio Claro, 2007.
- SILVA, C. R. M. **Uma, Nove ou Dez Narrativas sobre as Licenciaturas em Ciências e Matemática em Mato Grosso do Sul**. 2015. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista - UNESP, Rio Claro, 2015.
- SILVA, H.; SOUZA, L. A. A história oral na pesquisa em educação matemática. **Bolema**, Rio Claro, v. 20, n. 28, p. 139-162, 2007.